

Cerca de 90 bancos não aderem ao acerto

por Paulo Sotero
de Washington

Cerca de 90 dos 320 bancos que, teoricamente, deveriam ter aderido ao acordo de reescalonamento da dívida externa brasileira não o fizeram e dificilmente o farão. A ausência desses bancos, chamados de "free raiders" no jargão do ramo, não atrapalhará a festa de assinatura do acordo, que deve ocorrer na manhã de hoje, em Nova York, com a presença do ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega.

Escolado pela experiência adquirida na venda dos primeiros acordos negociados após a eclosão da crise, em 1982, o comitê de bancos passou a estimar para cima a quota de cada banco na parte mais complicada do pacote, que é o novo empréstimo de US\$ 5,2 bilhões. Assim, os pouco mais de 230 bancos que aderiram ao acordo somaram o montante necessário para viabilizá-lo.

Vários desses bancos devem enviar representantes à cerimônia de assinatura,

que se realizará na firma de advocacia Shearman & Sterling, a mesma onde ocorreram as negociações. O acordo é composto por um conjunto de onze contratos diferentes, que abrangem o variado "menu" de opções que o governo brasileiro ofereceu aos credores.

A fatura do "menu" foi elogiada ontem por William R. Rhodes, o executivo do Citicorp que preside o comitê de bancos. Segundo Rhodes, foi graças à variedade de opções oferecidas aos credores (entre as quais se incluem generosos esquemas de conversão ao par para uma parte do empréstimo de US\$ 5,2 bilhões e da totalidade do US\$ 1 bilhão colocados em "exit bonds") que o pacote brasileiro fechou em tempo recorde.

Dos oitenta bancos que compraram os bônus de saída oferecidos pelo governo, pouco mais de vinte o fizeram para liquidar suas posições e, efetivamente, desfazer-se de suas carteiras de empréstimos para o País.